

INCLUSÃO E EXCLUSÃO
ETNOGRAFIA SOBRE
REDES DE SOCIABILIDADE
LÉSBICAS E GAYS NA CIDA
DE TERES

INCLUSÃO E EXCLUSÃO: ETNOGRAFIA SOBRE AS REDES DE SOCIABILIDADES LÉSBICAS E GAYS NA CIDADE DE TERESINA

ANA KELMA CUNHA GALLAS¹

FACULDADE SANTO AGOSTINHO (FSA)

PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS²

GRUPO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, GÊNERO,
CORPO E SEXUALIDADE (UESPI)

INCLUSÃO E EXCLUSÃO: ETNOGRAFIA SOBRE AS REDES DE SOCIABILIDADES LÉSBICAS E GAYS NA CIDADE DE TERESINA

Resumo

Este trabalho constitui-se de dois relatos no formato de história de vida, fornecidos por uma interlocutora que se define como lésbica e um interlocutor que se define como gay, pertencentes às camadas médias urbanas na cidade de Teresina. Explora-se, por meio deste recorte específico, situações vivenciadas por gays e lésbicas no âmbito de suas redes de sociabilidade. Utiliza-se aqui o conceito de rede como um recurso da metodologia etnográfica desenvolvida pela Escola de Manchester. Através dela, buscamos, enfatizar as relações interpessoais num meio social não estruturado e em contextos sociais particulares. A análise dos arranjos das relações e as lógicas classificatórias utilizadas, bem como as posições e os padrões de interação, nos informam sobre as fronteiras, as tensões e as negociações existentes na dinâmica das redes. Assim, buscam-se entender como são produzidas as gramáticas morais, que operam no sentido de controlar o comportamento dos indivíduos, bem como reforçar certas normas sociais. Nesse sentido, consideram-se como categorias de análise: “honra”, “distinção” e “vergonha”.

Palavras-Chave: Redes de sociabilidade, lógicas classificatórias, negociações.

INCLUSION AND EXCLUSION: ETHNOGRAPHY OF GAY AND LESBIAN SOCIABILITY NETWORKS IN TERESINA

Abstract

This work consists of two reports in the format of life history, provided by an interlocutor who defines herself as lesbian and an interlocutor who defines himself as gay, belonging to the urban middle layers in the city of Teresina. We explore, through this specific focus, situations experienced by gays and lesbians within their sociability networks. The network concept is used here as a resource of the ethnographic methodology developed by the Manchester School (Fry, 2011). Through it, we seek, as well as Facchini (2008), to emphasize the interpersonal relationships in a social environment unstructured and in a particular social context. The analysis of the relationship arrangements and the classificatory statuses used, as well as the positions and patterns

of interaction (Mitchell, 1969), inform us about the boundaries, tensions and negotiations in the dynamics of the networks. Thus, we seek to understand how moral grammars are produced, which operate to control the behavior of individuals, as well as to reinforce certain social rules. In this sense, “honor”, “distinction” and “shame” are considered categories of analysis.

Keywords: Sociability networks, logical classifiers, negotiations.

ETNOGRAFÍA DE LAS REDES DE SOCIALIDAD GAIS Y LÉSBICAS EN TERESINA

Resumen

Este trabajo consiste en dos relatos en formato de historia de vida, suministrados por una interlocutora que se define como lesbiana y un interlocutor que se define como gay, pertenecientes a los sectores medios urbanos de la ciudad de Teresina. Por medio de este recorte específico, se exploran situaciones vivenciadas por gays y lesbianas en el ámbito de sus redes de sociabilidad. Se utiliza el concepto de red como un recurso de la metodología etnográfica desarrollada por la Escuela de Manchester (Fry, 2011). A través de ella buscamos, así como Facchini (2008), enfatizar en las relaciones interpersonales en un medio social no estructurado y en contextos sociales particulares. El análisis de los arreglos de las relaciones y las lógicas clasificatorias utilizadas, así como las posiciones y los patrones de interacción (Mitchell, 1969), nos informan sobre las fronteras, las tensiones y las negociaciones existentes en la dinámica de las redes. Así, se busca entender cómo son producidas las gramáticas morales que operan en el sentido de controlar el comportamiento de los individuos, así como reforzar ciertas normas sociales. En ese sentido, se consideran como categorías de análisis: “honra”, “distinción” y “vergüenza”.

Palabras clave: Redes de sociabilidad, lógicas clasificatorias, negociaciones.

Endereço do autor para correspondência: Rua Visconde de Parnaíba, n. 2312. Cond. Horto Residence – Cerejeira, 201. Ininga. Teresina. Piauí. Cep: 64049-570.

kelmagallas@outlook.com

pamelalaurentinasr@gmail.com

Em 1943, William Foote Whyte publicou a “Sociedade de Esquina” (Street Corner Society [1955], 2005) com os resultados de sua pesquisa sobre Cornerville (North End), uma área pobre e degradada de Boston, habitada por imigrantes italianos desde o século XIX³. Whyte estava preocupado em revelar os interstícios da complexa organização social que existia por detrás da imagem de Cornerville como favela caótica e desorganizada. Foi o que o tornou um dos pioneiros da observação participante. Em Cornerville, Whyte estava particularmente interessado em revelar o sistema de códigos que vinculavam os indivíduos a certas obrigações recíprocas, como os vários grupos e comunidades interagiam dentro do distrito. Whyte verifica a existência de dois grupos em oposição flagrante, não apenas por diferenças socioeconômicas, mas também, de níveis de conhecimento: os “garotos da esquina” e os “garotos da faculdade”. A vida dos “garotos da esquina” girava em torno de esquinas particulares, e das lojas que existiam nas proximidades. Por outro lado, os “garotos da faculdade” estavam mais interessados em boa educação e subir na escada social (Jenkins 2005). A gangue de esquina e o clube organizado por rapazes graduados (considerados “peixes miúdos”) guardavam relações tensas com a organização mafiosa e a política partidária do lugar (chamados por Whyte de “peixes graúdos”). Tratava-se da descrição de um sistema social por dentro, vivenciado por um pesquisador-observador, Whyte. Ele apresenta, bem no início de sua etnografia, a refinada chave teóri-

co-metodológica da perspectiva adotada na investigação:

“Nesta pesquisa sobre Cornerville, pouco iremos nos preocupar com as pessoas em geral. Encontraremos pessoas particulares e observaremos as coisas particulares que fazem. O padrão geral de vida é importante, mas só pode ser construído por meio da observação dos indivíduos cujos padrões configuram esse padrão” (Whyte 2005:23).

Whyte passa a adentrar em círculos íntimos daquele emaranhado de relações, protegido por um gatekeeper, o poderoso Doc, observando a rede de códigos que norteavam aquelas redes. Cornerville era um mosaico marcado por subculturas em justaposição, com refinadas ordens morais e normativas convivendo em completa tensão. As tensões ocorriam, sobretudo, de fora para dentro, como resultado da alteridade vivida entre eles e os outros, os norte-americanos. Para o resto da cidade, Cornerville, o bairro de italianos, era uma área misteriosa, perigosa e deprimente: “pensava-se nela como o lugar de gângsteres e políticos corruptos, de pobreza e crime, de crenças e atividades subversivas” (Whyte 2005:19).

A proposta utilizada por Whyte serve de ponto de partida para entendermos as situações vivenciadas por dois interlocutores, principais influenciadores de suas respectivas redes de acesso restrito: Dara, que se define como lésbica, e Vinícius, que se define como gay. A escolha de Dara e Vinícius, entre os demais membros das redes investigadas, se deu pelas posições de prestígio que estes ocupam em suas respectivas

redes. Como na etnografia de Whyte, foram estes, também, os gatekeepers que permitiram o reconhecimento dos códigos morais e normativos em operação dentro de suas respectivas redes.

As redes de Dara e Vinícius são constituídas por pessoas com características sociodemográficas semelhantes, aspecto este que reflete, sobretudo, o uso da categoria “gosto cultural” como critério de seleção para o ingresso de novos integrantes nos grupos. As afinidades são excludentes: as músicas que os integrantes escutam, os livros que leem, os lugares que frequentam, as viagens que fazem, as escolhas que definem suas carreiras, entre outras. Tais critérios seletivos revelariam um *ethos* particular ou estilos de vida das pessoas conectadas dentro da rede tanto por afinidades ou por um conjunto de modos – práticas, formas de conduta, princípios –, que são produtores de distinção, e “capazes, portanto, de engendrar posições sociais” (Bourdieu 2007:22).

O conceito de rede (*social network*), utilizado neste trabalho, apoia-se em uma longa tradição antropológica, desenvolvida por teóricos como Mitchell (1969), Epstein (1969), Barnes (1969) e Both (1976). Porém, como escolha epistemológica, optou-se pela noção de rede, a partir da Escola de Manchester⁴ (Fry 2011). Esta escolha se deu, especialmente, pela perspectiva epistemológica adota pela Escola de Manchester, que considera as relações de conflito e de poder elementos inerentes ao processo de manutenção e de transformação das estruturas sociais (Scott, 2000). É nesse sentido que Carmem Dora

Guimarães (“O homossexual visto por entendidos”, 2004) retoma o conceito *effective network*, desenvolvido por Epstein (1961). Nessa etnografia sobre indivíduos que compõem uma rede de relações entre si, Guimarães (2004) se propôs descobrir os critérios de atribuição de status e de prestígio dentro dessa rede. “Para os membros deste *effective network*, o significado é determinado por vínculos de amizade, gerados na descoberta de identidades sociosexuais semelhantes” (Guimarães 2004:24). Todos são homens gays, bem situados socioeconomicamente. A formação de grupos por critérios de afinidade ou semelhança foi amplamente estudada desde o início século XX.

Mcpherson (et al. 2001) demonstrou que os laços entre indivíduos que não possuem muitas afinidades se dissolvem mais facilmente, e com uma taxa muito maior do que entre indivíduos com afinidades maiores. Tal ocorrência prepararia o cenário para a formação de nichos, estes, formado por pessoas com atributos semelhantes aos de seus amigos (Mcpherson et al. 2001). Analisando as redes de Dara e de Vinícius, procuramos identificar os critérios de atribuição de status e de prestígio dentro dessas redes e de que forma esses arranjos contribuem para a manutenção, a reestruturação ou a dissolução dessas redes.

CONHECENDO DARA E VINICIUS

Dara (43 anos) e Vinícius (33 anos) são interlocutores que possuem algumas similaridades pontuais: provém das camadas médias da sociedade, são

professores e associam sua ascensão econômica ao processo de superação das discriminações decorrentes de sua identidade sexual. As decisões tomadas pelos interlocutores ao longo de sua trajetória profissional visaram superar o cenário de incertezas e os dilemas existenciais que vivenciavam, em cenários marcados pela falta de recursos para bancar a própria autonomia e independência. No âmbito de suas redes, tanto Dara como Vinícius vivenciaram, em diferentes momentos, a flexibilização dos guetos homossexuais e a euforia do mercado GLS⁵ na década de noventa, período marcado, ainda, pela configuração de uma imagem mais positiva do homossexual após a epidemia da AIDS (Gontijo 2004).

Ambos constituíram redes marcadas por três componentes principais: a compatibilidade (gostos e metas pessoais assemelhados), a segurança (traduzida por vínculos de fidelidade, e intimidade), e a reciprocidade, que tem base nos benefícios e na estabilidade garantida pelas trocas sociais. São redes cujo conceito se aproxima daquilo que Weeks chamou de “sistema complexo e, aparentemente, constituído de forma aleatória”, mas bastante resistente:

“A network is a complex system of interconnected strands. It also evokes the dense lines of communication of the internet, with has no single focus but rather a myriad of different points of information and communication, with an infinite possibility of juncture and disjuncture, apparently random, but able to resist practically any attack on its integrity” (Weeks 200:49).

As redes de Dara e de Vinícius não apenas possuem indivíduos conectados de forma bastante íntima, mas se apresentam como “famílias por escolha” (Weeks 2001). Em seu estudo, Weeks observou que, em contextos de rejeição familiar, gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros adultos, têm buscado apoio e suporte entre os seus pares, criando, desta forma, redes com vínculos bastante consolidados. Essas redes podem aliviar alguns dos efeitos negativos impostos pelas famílias de origem (Weeks et al. 2001).

Tanto Dara como Vinícius operaram um movimento de partida e de retorno à Teresina, cidade em que os dois interlocutores residem atualmente. Dara nasceu em 1969, em uma cidade média do centro-leste piauiense, dentro de uma família tradicional, com atuação marcante na política local. Adolescente, foi mandada para Teresina estudar o ensino médio, ingressando, em seguida, no bacharelado em Serviço Social, na Universidade Federal do Piauí. O “anonimato das grandes cidades, longe do controle familiar” favoreceu a Dara o reconhecimento de outros homossexuais na cidade, que se agrupavam para “formar subculturas homossexuais urbanas” (Green 2000). Na trajetória de Dara, esse primeiro momento é vivenciado no início da década de 1990, sendo marcado por um grande investimento nos estudos em nível superior, visto como um “campo de possibilidades” (Velho 1981). É nesse segundo momento que Dara conclui dois cursos superiores, intercalados por viagens à Espanha. Dara atribui a essas viagens internacionais a

mudança de seu status junto à família, foi quando conquistou respeito e até admiração. “Viram que eu poderia dar certo, porque o medo da minha família era que eu ficasse que nem os gays da minha cidade, sem perspectiva e sem emprego”. Os discursos de verdade, utilizados pela família de Dara, e devidamente incorporados à sua autor-reflexão, evocam a reflexão de Louro (1999) sobre as múltiplas e distintas identidades que constituem os sujeitos, interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. “Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência” (Louro 1999:12). E, como reflete Louro, não há nada de simples ou de estável nisso tudo, pois “essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias” (idem).

Em Dara, as citadas experiências fora do país consolidaram uma almejada identidade “cosmopolita”, afeita à moda e à cultura, aos gostos mais refinados. Tal conjunto de representações resultou, em parte, na superação de alguns estigmas adquiridos durante suas vivências junto à família, de que poderia ser associada a imagem de “homossexual fracassada”. “Conheci belas mulheres, tanto héteros como lésbicas, bem sucedidas. Conheci gente, seres humanos em todos os cantos. Eu queria aprender tudo. Foi ali que eu percebi que *daria certo na vida*” (grifo nosso). Os capitais sociais e culturais foram dispositivos usados, frequentemente,

por Dara e pelos demais integrantes de sua rede para conquistar a respeitabilidade familiar frente à sexualidade tida como “desviante”. Assim, tornar-se uma “pessoa respeitável”, valor associado ao prestígio social conquistado por meio da ascensão profissional e econômica, tornou-se ferramenta de socialização e signo de uma determinada ordem moral (Simmel 1967; Elias 2000). No caso de Dara, percebe-se que, no lócus de sua fala, que um “homossexual de respeito” seria aquele que “poderia dar certo na vida”, ocupando, assim, posições importantes no meio social e afastando-se das performances estigmatizadas do tipo *sapatão-caminhoneira* ou *bichapintosá*.

O sentido de adquirir respeito por meio do sucesso profissional também foi o dispositivo acionado por Vinícius no seu processo de assumir-se com autonomia no campo social. Acumulando duas graduações (uma em Jornalismo e outra em Psicologia) e duas pós-graduações *Stricto sensu* (mestrado e doutorado), Vinícius vive, atualmente, em uma situação de estabilidade econômica e de prestígio social. Ao falar de sua infância, lembra, com amargura, de como a família pobre e pouco escolarizada o discriminava por apresentar uma *performance* de gênero supostamente divergente das expectativas relacionadas ao sexo biológico. “Sou efeminado”, explica. E foi a percepção dessa *performance* por parte de seus irmãos que desencadeou os principais momentos de sofrimento psíquico e grande estresse emocional durante parte de sua vida em família: “sempre sofri *bullying* por ser efeminado, por ter

esse comportamento que me diferenciava das outras crianças. Sabia que era diferente das outras crianças, mas não sabia por quê”. Ele não guarda boas recordações desse período. “Não existiu o ‘amigo de infância’. Do meu bairro, só me lembro do *bullying*. Tanto é que não tenho amigos lá: saí de lá aos dezito e nunca mais voltei”, confessa.

O ingresso no âmbito acadêmico possibilitou que Vinícius formasse uma rede de afetos, em que suas características identitárias não fossem consideradas obstáculo. A graduação em Comunicação Social possibilitou que ele, embora sem assumir-se como gay, conhecesse pessoas “iguais a ele”, ou flexíveis o suficiente para uma convivência sem muitos conflitos em torno das questões identitárias. Entre 1999 e 2000, o pai de Vinícius descobriu que suas amigas fugiam do modelo heteronormativo. As saídas ocorriam com frequência, mas o destino não era informado em casa. Passou a escutar indiretas e insinuações na família, do tipo: “me diga com quem você anda que direi quem você é...”. O pai cortou a mesada e, então, desprovido de recursos, começou a trabalhar como jornalista. Foi promotor de uma conhecida boate de frequentação heterossexual na Zona Leste de Teresina durante muito tempo até seguir a carreira acadêmica. Em 2004, quando se formou em Psicologia, resolveu fazer a residência em uma pequena cidade do Ceará, onde passou a dividir uma casa com dois outros estudantes. Nascia um arranjo familiar que perdura até hoje. “Eles são como irmãos: um irmão e uma irmã. Eles passaram a representar

aquilo pra mim. Foi muito intenso”.

Ao contrário da trajetória de Dara, que atribui seu prestígio na família às suas conquistas profissionais, Vinícius permanece rompido com parte da família “porque me fazem bullying até hoje”. Entre as situações citadas como causa do rompimento está a exposição de sua orientação sexual com o objetivo de humilhá-lo em público. “Tomei uma decisão de não falar mais com meu irmão porque em todo lugar ele me chamava de *viado*, mesmo quando eu não sabia o que era isso”. Mais tarde, quando já estava fora de Teresina morando em pequena cidade cearense onde fez sua residência, Vinícius resolveu assumir-se gay. Disse: “quem quiser me aceitar desse jeito, que aceite, ou então se exploda!”. O *coming out* ocorreu não apenas na cidade e no meio acadêmico, mas também na internet, especialmente, em seus perfis nas redes sociais.

Percebe-se tanto em Dara como em Vinícius a necessidade de se contraporem ao discurso de “homossexual fracassado”, disseminado em seus respectivos contextos sociais, imagens positivas sobre de si, mas de uma forma bastante planejada. Tais estratégias remetem, mais uma vez à Goffman quando este discute os elementos rituais usados na interação social na busca de uma maior aprovação social. A “fachada que sustenta um indivíduo” é conceituada como “o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si” (Goffman 2011:13). Entretanto, toda fachada, enquanto simulacro, exige esforços: é necessário manter o controle expressivo do próprio corpo, das emoções e das coisas, para que tudo pareça

expressar coerência com a sua fachada. Mas o controle exaustivo e sistemático dos mínimos detalhes dessa fachada social – que se torna o “centro de sua segurança e prazer” – é, também, provisória e instável, resultado de intensas negociações. Têm a impressão que esse lugar conquistado “é apenas um empréstimo da sociedade e ela será retirada a não ser que a pessoa se comporte de forma digna” (Goffman 2011:18).

A REDE, UM “CORPO ESTENDIDO E PROLONGADO”

O investimento educacional, tanto nas redes de Dara e de Vinícius, possibilitou uma melhor inserção em suas redes de sociabilidade, criando, a partir do período universitário, o sentido de uma família alternativa, formada por homossexuais e afins (Weeks et al. 2001). Porém, as redes de Dara e de Vinícius se organizaram em torno da fidelidade de seus membros. As duas redes se caracterizam como urbanas, modernas (com anseios cosmopolitas e multiculturalistas), cujos membros mantêm sutis relações de poder entre si, se hierarquizando ao longo dos fluxos que ocorrem no interior dessas mesmas redes.

Tanto as redes de Dara como a de Vinícius guardam grande apreço às noções de privacidade e exclusividade, porém, mantendo dentro do próprio círculo, relações de extrema intimidade e anseios por compartilhamento. A busca pelo espaço privado corresponde à necessidade de manter uma imagem positiva sobre si e de afastar as incoerências explícitas. Mas, quando circu-

lam pelos bares mais badalados, sempre em grupos numerosos, chamam a atenção; evocam para si categorias de prestígio social, pressupõem olhares de cobiça e de inveja. É o caso da rede de Vinícius, que começou em 2004, período em que ele e seus amigos evitavam os espaços da cena gay local. Em vez disso, preferiram promover encontros em suas próprias casas. Vinícius designa esses encontros de festas *privês*. “Eu morava com dois hêteros⁷ e nessas festas vinha gente de todo tipo. O grupo foi crescendo”. As festas da rede de Vinícius se tornaram cobiçadas; as casas, abarrotadas. O grupo resolveu transferir as festas para residências maiores, casarões abandonados na cidade e que momentaneamente recebiam a festa. Segundo Vinícius, nessa etapa, as festas chegavam a atrair mais de cem pessoas. Era um momento importante para a rede: tanto mantinha a coesão entre os membros efetivos da rede como servia para conhecer novos integrantes ou simplesmente renovar o ciclo de afetos. Essas festas não eram abertas. Só participava quem era convidado. Um membro efetivo da rede levava alguém novo, funcionava assim, por “apadrinhamento”. Cobiçadas e inacessíveis, as festas de Vinícius provocaram uma série de críticas na cena gay local. Para Vinícius, era simples reação ao caráter excepcional apresentado por sua rede. “Tem uma coisa nesse grupo de amigos: é que o público externo olha como se a gente fosse especial, como se fôssemos diferentes, o ‘povo da Zona Leste’, povo mais bonito, mais requintado”. O interlocutor aqui se refere a uma zona de

Teresina, caracterizada pela concentração de bairros com o metro quadrado mais caro da cidade. Portanto, morar na Zona Leste, conhecida por abrigar as populações economicamente mais estáveis, é apresentar-se possuindo um dos atributos de prestígio.

A rede de Dara também demonstra possuir grandes preocupações com as noções de reconhecimento social. A partir mesmo da formação de sua rede, no final dos anos de 1990, período entre suas graduações em nível superior (uma na Estadual e outra, na Federal), já o *ethos* assumido por esta rede. Foi como universitária – acadêmica do curso de Serviço Social – que Dara descobriu, em Teresina, os bares frequentados predominantemente por homossexuais, onde se podiam expressar as afetividades sem restrições (andar de mãos dadas, dançar, trocar beijos e abraços, namorar). Era uma “malha estreita” permeada de “muitas relações entre os membros” (Both 1976). Ou, como MacRae discutiu, um espaço permeado pela lógica da “segurança”:

“Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social” (Macrae 1990:56).

As recordações de Dara dão pistas sobre como a rede, especialmente o

“núcleo de amizades estreitas”, aquelas que apresentam relações mais próximas e intensas, é lentamente composta. Dara não faz uma reconstituição cronológica dessas amizades, mas sabe-se, por sua narrativa, que esse fio vai se desenrolar até a década de 1990, quando Dara, Juliana, Geovana, Amora e Cristiana se conheceram dentro dos espaços de sociabilidade frequentados por elas. Nesse contexto, a sexualidade era uma questão-chave. Diante do imperativo do segredo, a vivência da homossexualidade ocorria fora dos espaços públicos, em espaços situados em ambientes de acesso mais restrito em que se podia vislumbrar a possibilidade de segurar a mão, trocar beijos e abraços, afastando-se, assim, das noções de crime, pecado ou doença (Fry & Macrae 1985).

Porém, há outros elementos, além desse traço de confiança e de fidelidade umas com as outras: o de compartilhar experiências sexuais e obter parcerias amorosas. Na rede de Dara, muitas já namoraram mulheres que, eventualmente já foram namoradas de outras integrantes do grupo. É o que elas chamam, dentro de uma categoria nativa, de “dança das cadeiras”. Isso conduz ao início da rede de Dara, quando esta conhece uma de suas melhores amigas, Amora, em uma boate na década de 1990, o que acaba por desenrolar a teia de afetividades e de envoltimentos emocionais que vão unindo umas às outras:

“Tudo começou com minha amizade com a Amora, pois ela foi uma das primeiras pessoas que eu conheci aqui em Teresina. Eu

a conheci exatamente quando estava entrando no mundo gay, que era no gueto, descobrindo o gueto. Eu namorava a Juliana. Era bem no começo, naquele momento que ficamos deslumbradas com tudo, conhecendo pessoas e, então, eu adorei de cara a Amora. Ela já teve uma atração física por mim, que não foi correspondida e logo foi transformada em amizade. E isso já tem uns vinte anos de amizade. Depois, conhecemos a Soraia, aliás, eu a conheci através de uma colega e senti de cara a energia boa dela. Tivemos uma forte ligação e ficamos logo próximas dela: foi lá pra casa na Semana Santa cuidar de mim porque eu estava doente... Nunca tivemos atração sexual uma pela outra. Depois ela começou a namorar com a Simone, que também foi inserida e que é uma pessoa maravilhosa super generosa. Eu conheci a Joana somente quando comecei meu namoro com a Fabrícia, porque a Joana namorava uma amiga da Fã. Elas terminaram, mas ficamos muito amigas. É honesta e, hoje, namora a Malena, que é nossa amiga bem antes porque, na realidade, ela é ex-namorada da Maria e após o fim da relação ficaram muito amigas. Quando a conhecemos, passamos a gostar também. Joana ainda ficou com minha ex, a Cristiana. No tempo que eu namorei a Geovana, aliás, no final da nossa relação, ela conheceu e se envolveu com a Eduarda. Mas, foi quando a Eduarda começou a namorar a Lorena que ficamos mais próxi-

mas. Hoje, somos muito amigas e até vizinhas”.

Para Dara e Amora, a “dança das cadeiras” decorre das características da cidade onde elas vivem. “Teresina é uma cidade pequena e termina que todo mundo fica com todo mundo”. Mas, para Catarina, o “revezamento” de casais não ocorre devido ao tamanho da cidade e, sim, pelo estilo de vida das mulheres que estão inseridas na rede: “porque geralmente andamos ou estamos perto das mulheres que considero mais interessantes”. A categoria “interessante” apresenta-se carregada de significados. Não se trata, especificamente, relacionado ao corpo. Diz mais respeito ao conjunto de atributos sociais e culturais, portanto, mais articulados ao gosto de classe e ao estilo de vida adotado (Bourdieu, 1983). Como Dara diz, em relação a essa família alternativa, formada por amigos íntimos, que atendia à necessidade de “apoio moral”, em uma rede onde todos tinham algum conflito. “O meu (conflito), como o da maioria, era com a família. Então, conhecer aquelas pessoas foi muito bom porque entendi que *poderia dar certo na vida*” (grifo nosso). A reiterada repetição em torno da expressão “dar certo” evoca a sistemática regulação simbólica das características dos membros dessa rede, por meio do chamado “estilo de vida”, que eventualmente, é a própria fachada do grupo: quanto maior a correspondência do que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida, maior o prestígio (Bourdieu 1983).

Nesse sentido, a ideia de superação pessoal, relacionada ao desenvolvimento profissional, é o aspecto marcante na rede de Dara. Os laços de amizade, dentro da rede, entre Dara e duas grandes amigas, Amora e Cristiana, se tornaram mais intensos quando estas passaram a investir mais em suas carreiras profissionais por meio do estudo; por outro lado, nesse mesmo período, as relações com outro casal de amigas, Juliana e Geovana, que não focaram nas mesmas prioridades, se tornaram mais frouxas. Esse movimento dentro da rede é bastante elucidativo. O crescimento profissional era o mecanismo utilizado pela rede para alcançar sua meta, o reconhecimento social, daí a importância da categoria “respeito” dentro desta rede. Na percepção de Dara, para vencer o estigma familiar do “homossexual fracassado”, seria necessário aplicar recursos na própria formação, visando galgar melhores posições nas hierarquias sociais.

TENSÕES E DISTENSÕES NAS REDES

Dentro das redes de Dara e de Vinícius são frequentes o entrelaçamento afetivo-sexual entre os membros efetivos e os participantes provisórios (convidados, parceiros ou namorados de membros efetivos da rede). Enquanto na rede de Vinícius as relações são sexualmente fluídas, como parte de um acordo tácito de liberdade entre eles, na rede de Dara, “o romance é visto como uma relação enraizada”, provocando uma maior vigilância sobre os casais. Ainda assim, dentro dessas redes mais fechadas, em que o acesso de novos

membros é mais seletiva, há uma tendência a um revezamento de amantes e de casais. A rede integra ex-casais, ou ex-amantes, que se reconfiguram nas relações dentro da rede na condição de amigos; trazem para a rede os seus novos parceiros(as). Eventualmente, essa rede também se configura de maneira erótica, sustentando intrincados mecanismos de sedução. Isso leva à noção de “coquetismo”, adotada por Simmel (1993), empregada para “qualificar o comportamento sedutor”. Porém, observando a rede de Dara na perspectiva de Simmel, não se trata apenas de “agradar” umas às outras por meio de gestos charmosos, mas de manter no grupo uma atmosfera platônica, um permanente estado de indefinição, uma etapa intermediária entre querer e não-ter, entre o não-ter e ter. Um risco perpétuo, pois, “para remediar a privação, mistura-se a dor do ponto de partida à felicidade da paulatina aproximação do fim” (Simmel 1993:95).

As mulheres da rede de Dara experimentam essas ambiguidades do coquetismo, pois, esses laços, ao mesmo tempo fraternos e eróticos, estão em um contínuo movimento duplo: o de potencializar a amizade e amenizar o apelo erótico, informando continuamente quão “tênue é a separação entre amizade e a parceria sexual e afetiva entre as mulheres do grupo estudado” (Meinerz 2011:114). Mas, se, por um lado, toda amiga é uma potencial parceira, e, por outro, muitas vezes a ex-parceira acaba se tornando uma grande amiga (Meinerz 2011), a relação de cumplicidade, após os relacionamentos entre mu-

lheres, nem sempre se rompe. E é o que ocorre frequentemente na rede de Dara.

Na rede de Vinícius, a fluidez das relações afetivo-sexuais movimenta os mecanismos de interação entre os rapazes. O sexo descompromissado uns com os outros é uma estratégia para aquietar uma carência momentânea, visto como uma prática sem grandes consequências por Vinícius:

“De alguma forma, todo mundo já namorou uns com os outros. É o “fica”, não é namoro. É só coisa de festa, ficou, transou, é amigo no outro dia, foi só um momento, foi bom e pronto, sem namoro. Tem muito disso. Foi o que me aproximou bastante desse grupo. Por mim, teria amizades coloridas, seria mais legal uma poligamia aberta, sem esse compromisso de dizer que está comprometido”.

O sexo casual ou recreativo entre os amigos de Vinícius ocorre, habitualmente, em situações singulares, especialmente durante as viagens de férias, quando os rapazes dividem um mesmo alojamento, ou na atmosfera propícia das festas, quando ocorre consumo de álcool ou de outras drogas. Por outro lado, o “fica-fica” entre os membros do grupo não garante uma satisfação permanente. Em vários momentos, o grupo apresentou indícios de esgotamento interno, agravada pela ameaça de monotonia ou pela falta de novidades. Nesses momentos, o grupo adotava várias estratégias para possibilitar as interações dinâmicas com outros grupos. Dentre as alternativas mais usadas pelo grupo para escapar do “esgotamento” e atender à necessidade de co-

nhecer outras pessoas foi a promoção de festas:

“Começamos a perceber que nos fechamos muito e precisávamos sair mais. Tinha uma ou outra festa que a gente abria para agregar, que podiam vir com duas ou mais pessoas... Claro que tinha aquela coisa da aceitação: a gente podia ter trazido uma pessoa e ela ter se dado bem com parte do grupo, mas se outra parte não aceitar, aos poucos ela vai sendo descartada. Porque o grupo construiu uma identidade. Além da identidade, tem os subgrupos que chegam a ser mais forte que o grupão. O subgrupo tem ligação afetiva maior...”

Nesses momentos, o compartilhamento do repertório cultural se tornou um mecanismo bastante utilizado para favorecer as novas adesões: as conversas acabam girando em torno das divas, das músicas prediletas, de livros de apelo popular como o das séries Harry Potter e Percy Jackson, ou temas do universo pop. Porém, o repertório compartilhado nesses momentos não diz respeito apenas às referências relacionadas ao gosto cultural, mas, sobretudo, a um conjunto de sinais de pertença, que vão desde os estilos de roupas usadas e às performances de corpo (especialmente, nas coreografias arduamente ensaiadas e executadas com frequência quando o grupo está junto). As performances e jeitos de corpo são estratégias que materializam “um sistema de chances objetivas de aceitabilidade” (Bourdieu 1983:178).

Por outro lado, o grupo não usa apenas as festas para conhecer novas pessoas. As buscas também são mediadas por

tecnologias. Sites que favorecem essas relações em rede, como o Facebook e o Twitter, são integrados a inúmeros outros recursos disponibilizados nos dispositivos móveis, smartphones ou celulares multimídias, por meio de aplicativos como WhatsApp Messenger. Tais mecanismos possibilitam o envio, recepção e visualização de mensagens instantâneas e e-mail, além da produção, visualização e remessa de vídeos. Vinícius considera esses ambientes virtuais propícios à seleção e, portanto, também à exclusão: “Acontece muito isso: cria-se um núcleo e exclui alguém porque não quero aquelas pessoas no grupo. As semelhanças aproximam, mas as diferenças excluem. Sou a velha chata. Falo mesmo. Eu falo tudo que quero”.

Por outro lado, é importante considerar as regras de conduta dentro dos grupos. A regra deve ser conhecida, deve ser mantida, ou provoca o desmoronamento daquilo que mantém a rede estável: “o efeito combinado da regra do respeito próprio e da regra da consideração” (Goffman 2011:28). Conforme esse autor, em um grupo, espera-se que cada um desempenhe o papel que ele pareça ter escolhido para si próprio, mas, não se trata de uma relação baseada na sinceridade extrema, em que se espera “ouvir avaliações sinceras expressas candidamente”. É uma relação baseada na delicada situação de “oferecer juízos da boca para fora, com os quais os participantes não concordam realmente” (Goffman 2011:19). Ou seja, no jogo de espelhos, em que as respostas dadas devem estar em coerência com a fachada, de forma

a manter-se o discurso comprometido com a manutenção da estabilidade do grupo.

Se, portanto, dentro das redes, o sentimento de lealdade e fidelidade aproximam os membros do sentido das confrarias marcadas por rituais e códigos morais, esses sentimentos são os que conduzem, também, os processos de seleção para ingresso e para a exclusão. Eles se mantêm juntos, num sentido ecológico, como um “corpo estendido e prolongado” (Boff 1999:136), obedecendo às dinâmicas impostas por cada rede. Dessa forma, observando a rede de Dara e de Vinícius, o conceito de confiança aparece como uma categoria fundamental. Entende-se, a partir das perspectivas desses interlocutores, que é no ambiente mais íntimo, portanto, protegido da curiosidade alheia, que se potencializa o conceito de confiança em oposição às relações contemporâneas instáveis e frágeis (Zamboni 2009).

Se os laços são produzidos nas situações de interação e de confiança, é possível perceber nos seus entremeios, o enlace dos elementos simbólicos como “honra” e “respeito”, articuladas a outras categorias que se apresentam aos pares, como: lealdade e fidelidade; confiança e segredo. Na ótica de Pitt-Rivers (1973), esse é o nexo entre os ideais da sociedade e a sua reprodução nos indivíduos, acionando o movimento que vai do “revelar-se” ao “reservar-se”. Se, através dos códigos de honra são moldadas atitudes que regem as relações e se estas os contestam, as tensões e conflitos aparecem. Por isso, trair a confiança e revelar segredos,

corrompendo a imagem de si destinada ao outro, fragiliza a reputação do grupo, podendo romper os fundamentos que mantém a rede de relações.

NOTAS

¹ Professora orientadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Faculdade Santo Agostinho. Pesquisadora do SEXGEN - grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (UFPA/ CNPQ), e do ComGênero – Comunicação, Gênero, Corpo e Sexualidade (UESPI).

² Pesquisadora do SEXGEN - grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (UFPA/ CNPQ), e do ComGênero – Comunicação, Gênero, Corpo e Sexualidade (UESPI). Professora da Universidade Estadual do Piauí.

³ O estudo se tornou um clássico da etnografia, um marco importante para a sociologia por analisar a estrutura social em pequenos grupos, por meio da observação participante (Boelen 1992).

⁴ A Escola de Manchester surgiu em meados da década de 1950 tendo Max Gluckman como expoente, desenvolveu uma série de estudos que indicava a emergência de uma orientação processual, baseada na teoria da ação, um modelo teórico que propunha simultaneamente a observação do comportamento concreto dos indivíduos e a análise das representações sociais ancoradas em questionamentos verbais, reconstruindo também certa visão de mundo dos atores envolvidos. A teoria da ação propiciou a elaboração de um conjunto de instrumentais de pesquisa que contribuíram em última instância, para a apreensão de processos, ações e sequências de desenvolvimento que reunisse pessoa, tempo e lugar (Feldman-Bianco 1987). Para um apro-

fundamento da Antropologia Social da Escola Britânica ver Adam Kuper (2004). A respeito da Escola de Manchester e sua influência no Brasil ver Peter Fry (2011).

⁵ A sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), desenvolvida pelo jornalista e empresário André Fischer, criador do portal Mix Brasil e idealizador do Festival Mix-Brasil de Diversidade Sexual. A sigla designa ambientes, produtos e serviços que seriam voltados o público homossexual, mas também serve de interpretação para um movimento típico dos anos de 1990, quando surge uma “cultura hedonista”, em que a apropriação dos bens de consumo por parte dessa população marginalizada se constituía em um dos mecanismos de inserção social.

⁶ Categorias nativas.

⁷ Corruptela de Heterossexual. Termo nativo.

REFERÊNCIAS

- Augé, M. 1997. *A guerra dos sonhos*. Campinas: Papyrus.
- Barnes, J. A. 2010. Redes sociais e processo político, in *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos*. Organizado por B. Feldman-Bianco. São Paulo: Editora Unesp.
- Bianco, B. F. (Org.). 1986. *Antropologia das Sociedades Complexas*. São Paulo, Ed. Global.
- Barth, F. 2000. Os grupos étnicos e suas fronteiras, in *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Organizado por T. Lask. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Boff, L. 1999. *Saber Cuidar Ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Both, E. 1976. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves.

- Boelen, W. A. 1992. Marianne. *Street Corner Society Cornerville Revisited*. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891241692021001002?journalCode=jccc>>.
- Bourdieu, P. 1983. Gostos de classe e estilos de vida, in *Pierre Bourdieu: sociologia*. Organizado por R. Ortiz. São Paulo: Ática.
- _____. 2007. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Butler, J. 2000. Corpos que pesam, in *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. Organizado por G. L. Louro. 2ª ED. Autêntica: Belo Horizonte.
- Elias, N. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fry, P. 2011. Nas Redes Antropológicas da Escola de Manchester: Reminiscências de um Trajeto Intelectual. *Revista Iluminuras*. 12(27). UFRGS.
- Fry, P., e E. Macrae. 1985. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Green, J. 2000 “Mais Amor e Mais Tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*. 15:271-295.
- Goffman, E. 2011. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes.
- Gontijo, F. 2004. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania, in *Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde*. Organizado por L. F. Rios, V. Almeida, R. Parker. C. Pamenta, V. Terto Jr., pp. 63-68. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS.
- Gontijo, F., e P. L. Reis. 2014. Mulheres em Rede: sociabilidade, moralidade e narrativas biográficas de lésbicas no Piauí e no Maranhão. *Amazônica: Revista de Antropologia(Online)*. 6:140-169.
- Lomnitz, L. A. 2002. “Redes sociales y partidos políticos en Chile”. *Revista Redes*. 3.
- Mitchell, C. 1969. *Social networks in urban situations*. Manchester: Univ. Press.
- Pitt-Rivers, J. 1971 [1965]. “Honra e Posição Social”, in *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Organizado por J.G. Peristiany. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Scott, J. 2000. *Social Network Analysis. A Handbook*. London/Newbury Park / New Delhi: Sage Publications.
- Simmel, G. 1967. A metrópole e a vida mental, in *O fenômeno urbano*. Organizado por Velho, O. Gilberto, 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- _____. 2006. A sociabilidade (exemplo de sociologia pura ou formal), in *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1993. Psicologia do Coquetismo, in *Filosofia do Amor*. Tradução de L. E. L. Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- Macrae, E. 1990. *A Construção da Igualdade – Identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Parker, R. 2002. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Velho, G. 1981. *Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Weeks, J., C. Donovan, e B. Heaphy. 2001. *Same sex intimacies: families of choice and other life experiments*. Routledge: London; New York.
- Whyte, W. F. 2005. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução de M. L. de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Zamboni, M. 2009. “Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor”: a confiança nas relações amorosas. Tese de doutorado,

Programa de Pós Graduação em Sociologia,
Universidade Federal de Pernambuco.

Recebido em 29/03/2017

Aprovado em 24/04/2017